

**ARQUITETURA
VERNACULAR
PRAIEIRA**







**ARQUITETURA
VERNACULAR
PRAIEIRA**

Edição original: 2007
© Barros Lima Arquitetura
Coordenação Editorial GENIVAL JÚNIOR
Conselho Editorial (arquitetura) GENIVAL JÚNIOR,
NONON NONO, NONONO, NONONO, NONONONO
Preparação GENIVAL JÚNIOR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP Brasil)

Praieira, Arquitetura Vernacular
Recife: Barros Lima, 2007
200 p. 325 fotografias
Bibliografia.
ISBN 84-5698-X
1. Arquitetura 2. Vernacular 3. Praia 4. Livros
04-8200

Índices para catálogo sistemático:
1. Arquitetura
2. Litoral

BARROS LIMA ARQUITETURA
Rua Estand Alone, 125, Casa Forte
012356-9855 - Recife - PE
Tel [55] 81.3256-5658
contato@barroslima.com
www.barroslima.com

Agradecimentos
IMSEP PRETU TEMPU REV
OL BILEG ROKAM REVOC TEPHE
OSVE ETEPE TEN
PAR TIUVE TAMIA QUESO UTA
GE UDULC VIRES

PATROCÍNIO



PROJETO E REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO EXECUTIVA



APOIO



**ARQUITETURA
VERNACULAR
PRAIEIRA**





2	APRESENTAÇÃO
3	PREFÁCIO
4	ARQUITETURA VERNACULAR
12	PLANTA
25	FACHADAS
36	DIVISÕES INTERNAS
45	MATERIAIS
50	TAIPA
55	MADEIRA
62	PALHA
69	A CASA
75	O RELACIONAMENTO COM O MEIO
86	FACHADAS
95	DIVISÕES INTERNAS
99	MATERIAIS
102	MADEIRA
120	CASA
152	VERNACULAR
163	PLANTA
174	FACHADAS
198	DIVISÕES INTERNAS

“O jangadeiro é um mistério psicológico em sua transparente simplicidade. Não há mistério algum. Nós é que perdemos a faculdade de aproximação das forças espontâneas e naturais. Estamos longe do sabor vivo da água das fontes porque entendemos que o conhecimento dela é através da análise química. Para nossa pressa, consagrada e sacudida pela cultura em condensação, pelas antologias que nos afastam da verificação integral e direta dos textos, pelas reportagens e televisão que popularizam o aspecto exterior e vistoso das coisas, pelo rápido cansaço mental ante a resistência confidencial do elemento pesquisado, esbarramos no jangadeiro como um remanescente neolítico a quem perguntássemos impressões atômicas ou fotos da superfície de planetas perdidos.”

Luís da Câmara Cascudo



vernáculo

adjetivo

1 próprio de um país, nação,
região

Ex.: <língua v.> <costumes v.>

vernacular = aquilo que é próprio
do lugar.

ARQUITETURA VERNACULAR PRAIEIRA

Esta definição nos dá uma noção muito precisa do que se pretende por “Arquitetura Vernacular Praieira”. Percebe-se que a arquitetura popular ou informal, ou ainda não-profissional, encontrou meios próprios de expressar-se no contexto construtivo mundial, afinal, como observa Paul Oliver, a produção de arquitetura profissional é ínfima em relação ao que se produz de maneira informal no mundo inteiro. Esta expressão nos chama a atenção para as mais variadas formas de entendimento e representação espacial do ambiente em que se vive. A adaptabilidade e capacidade de aprender e apreender o ambiente torna a “arquitetura não-profissional” muito interessante e digna dos mais variados estudos.

Esta “arquitetura” espontânea revela uma grande riqueza de detalhes. Fruto de uma vivência muito íntima com o meio ambiente (o que inclui observação e tentativas através dos tempos) e traços culturais que ascendem ao sangue indígena ou negro, transpondo assim barreiras temporais e geográficas. Desde o modo como as vilas são organizadas até a casa em si mesma, e seus detalhes e usos, abrigam um conhecimento empírico que tende a se perder no tempo devido ao fato de que esta cultura (vilas) está se acabando no litoral nordestino devido ao turismo desorganizado, à tomada

do litoral por agentes imobiliários e à formação de grandes latifúndios especulatórios por parte de grupos estrangeiros.



Praia de Camocim, Ceará



Barcos de pesca ancorados. Praia de Camocim, Ceará.



No entanto apesar das degradações ambientais, deformação cultural, “expulsão branca”, outras influências, evolução tecnológica e facilidades construtivas a cultura permanece quase que intacta em muitos trechos isolados de nosso litoral nordestino. As construções permanecem, em boa parte com a cultura construtiva preservada, até hoje como as das fotos apresentadas, demonstrando assim que vale a pena registrar esta vivência que, em toda sua simplicidade, nos ensina como lidar de maneira simbiótica com o meio e que, pelo menos no nordeste, faz parte de todo um grande saber cultural que se reflete nas artes de uma maneira muito expressiva e bonita, como na música de Caymmi:

*“Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer*

*Adeus, adeus
Pescador não se esqueça de mim
Vou rezar pra ter bom tempo, meu bem
Pra não ter tempo ruim
Vou fazer sua caminha macia
Perfumada com alecrim”*

Mais do que meramente uma cultura construtiva a “Arquitetura Vernacular Praieira” demonstra ser uma cultura popular, uma vivência sócio-econômica com influência nas mais diversas manifestações artísticas.

*Aprender e aprender sobre o meio.
“Abrigar é, ambos, processo e artefato: é a experiência de viver em um lugar específico e é a expressão física de fazer isso.”*

Paul Oliver



Barcos de pesca ancorados. Praia.



Praia de Camocim, Ceará



APREENDER O MEIO AMBIENTE

A compreensão empírica do meio se torna um fator chave para o uso correto deste com relação às construções populares ou não-profissionais. Afinal estas têm uma desvantagem na luta contra o ambiente (seja de que forma este se manifeste) que as construções formais e profissionais não têm: o uso de tecnologia de construção que vai diretamente de encontro ao meio, pela força de engenharia e da arquitetura, em manifestar a presença humana no ambiente, vide túneis e pontes como exemplos notórios disso. No caso da construção popular o meio ambiente é o maior limitador de ação e fator determinante desta. Afinal no ambiente em análise – a praia – as condições de construção são extremas e muito variáveis. A ausência de tecnologia tem de ser compensada para que a manifestação da ocupação humana se concretize. Este ambiente limita por ser uma faixa estreita entre água e outras formações geográficas difíceis, como falésias, vegetação de restinga e terrenos de grandes propriedades, como coqueirais e fazendas. Limita por ser formado, em grande parte, de areia fina e móvel, pelo fato do vento ser constante e erosivo, pelas chuvas e tempestades, pelo avanço e retrocesso de marés, pelo ciclo de peixes e mariscos, pelo acesso à água, potável e mar, pela qualidade da madeira ou barro no local, pela quantidade dos mesmos! Determina a fi-

xação humana através de suas construções por que desafia o pescador a se aventurar em locais inóspitos, por que lhe impõe onde e como morar, lhe determina fatores construtivos, se quiser que sua casa dure um pouco mais, lhe diz como construir e aonde, lhe indica quando sair e morar em outro local, força-o a perceber quando trabalhar e como, o ambiente determinará o nível organizacional da vila, determinará o tipo da pesca, determinará se homens se afastarão de casa por muito tempo ou não.

Na arquitetura ou construção profissional estes fatores diversos são contornados por se interferir diretamente no meio através de tecnologia. A construção tem como desafiar a gravi-



dade, as chuvas, ventos, temperatura, ciclos naturais e até a geografia, se isto “se justificar”. No habitar vernacular praieiro este relacionamento tem de ser mais respeitoso por parte do homem, afinal ele viverá deste meio!

Portanto o conhecimento do ambiente por observação, contemplação e até por sofrimento e perdas tem sido muito útil. Assimilar o ambiente mentalmente, entender e compreendê-lo é de essencial valor para o pescador. Por isso este “conhecimento” é, e deve, ser demonstrado com bastante clareza na construção, ainda que não se saiba explicar o por que, ou que apenas se diga que “é melhor assim!”.

“É melhor assim!” – esta citação tão simples revela bem como o sistema de conhecimento não formatado em um código, ou legislação, mas transmitido boca-a-boca durante gerações e mais gerações é baseado na observação e apreensão do modo de lidar com as mais variadas situações que surgem durante a construção e também durante o tempo de uso da edificação, afinal a manutenção, ou mesmo reconstrução, como veremos mais adiante, sempre farão parte do convívio homem-construção no litoral nordestino. “É melhor assim!” – quando perguntados sobre o porque de uma solução ou decisão tomada na obra esta é quase sempre a

resposta. Parece que o conhecimento sobre a técnica já dominou os genes do pescador, está num subconsciente coletivo, num limbo intelectual comunitário, onde mesmo que haja um único construtor na vila, ou comunidade, ainda assim sua forma de construir é assimilada por todos e partilhada como ideal ou própria para a situação. Pois “é melhor assim!”

A necessidade de apreender o meio ambiente é manifestado por uma espécie de luta inconsciente contra, e a favor ao mesmo tempo com a natureza, por uma insistente presença humana, apesar de, muitas vezes, nada justificar isto no ambiente. Esta idéia se confirma quando se observa a manutenção de certas culturas, construtivas inclusive, em ambientes extremamente hostis nas mais variadas partes do globo terrestre. Mas a interpretação do meio por suas



manifestações como ventos, estações de chuva, ciclos vegetais e animais, mudanças geográficas e bio-climáticas, como migrações animais, luz e escuridão, faz com que o construtor entenda, mesmo sem sentir, como tirar proveito destes fatores para facilitar a construção, para a sua durabilidade, se for importante, e acima de tudo para que cumpra com o seu objetivo: abrigar, proteger e permitir viver e trabalhar.

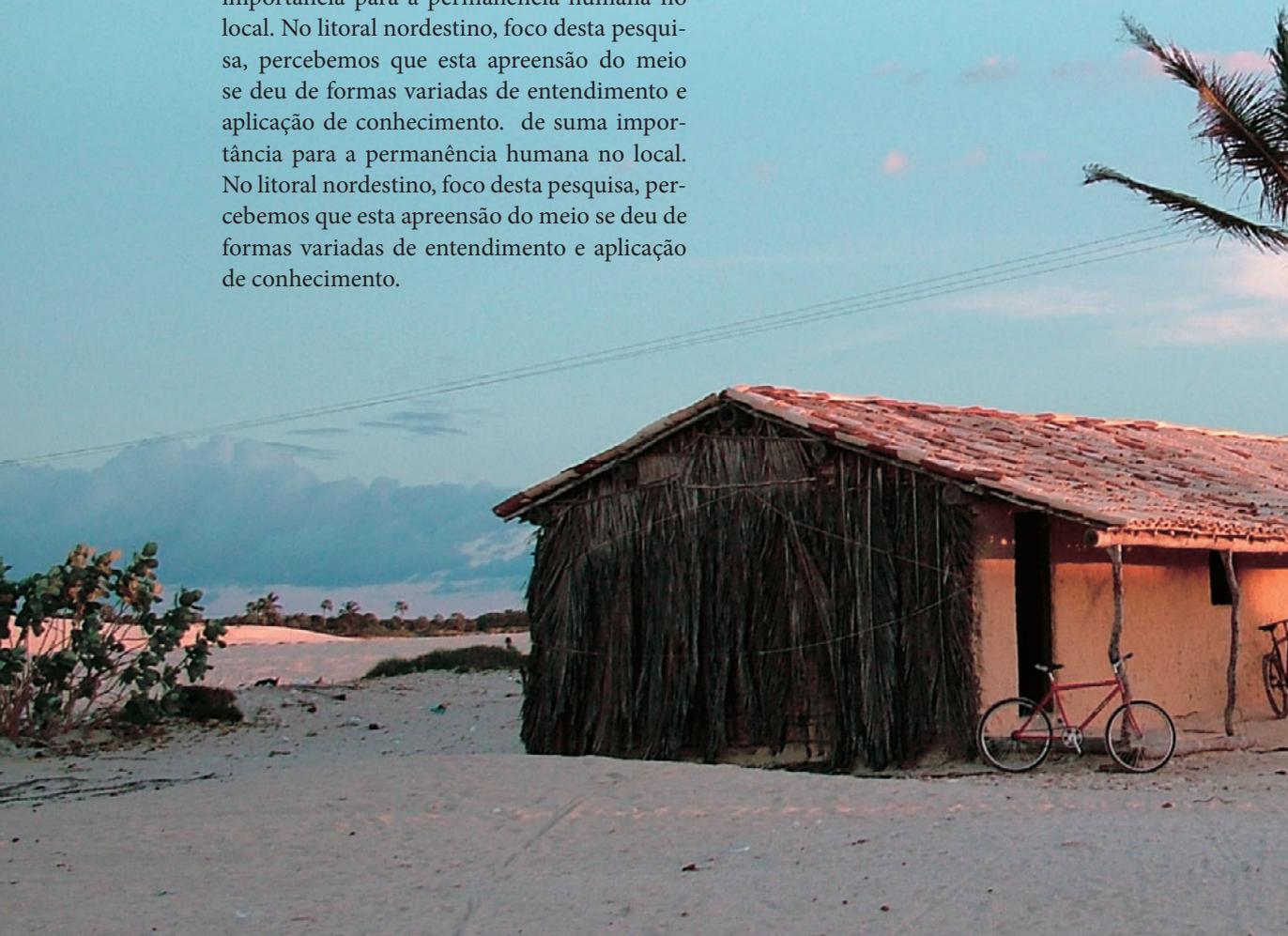


Barcos de pesca ancorados. Praia.

A idéia é de tirar proveito do que pode abrigar e sustentar a família. Assim a interpretação de como usar o que meio oferece é de suma importância para a permanência humana no local. No litoral nordestino, foco desta pesquisa, percebemos que esta apreensão do meio se deu de formas variadas de entendimento e aplicação de conhecimento.



A idéia é de tirar proveito do que pode abrigar e sustentar a família. Assim a interpretação de como usar o que meio oferece é de suma importância para a permanência humana no local. No litoral nordestino, foco desta pesquisa, percebemos que esta apreensão do meio se deu de formas variadas de entendimento e aplicação de conhecimento. de suma importância para a permanência humana no local. No litoral nordestino, foco desta pesquisa, percebemos que esta apreensão do meio se deu de formas variadas de entendimento e aplicação de conhecimento.







“Ao redor do mundo construtores têm se deparado com desafios de climas extremos por construir ecologicamente correto abrigos onde se possa viver.

Clima e geografia local se combinam para desafiar o construtor que está preocupado com o conforto – ou simplesmente, a sobrevivência.”

Dora Crouch

Não importa para onde nos viremos sempre perceberemos formas e expressões da arquitetura popular ou não-profissional. Não importa em que parte do mundo ou de nossa cidade (mesmo de nossa rua!) esta forma de construir e interpretar o espaço estará sempre à nossa frente. Os construtores (entendendo que tais pessoas normalmente constroem seus próprios abrigos ou casas) que fazem uso dos mais variados artifícios construtivos não-acadêmicos e estéticos agem assim devido a uma carga de conhecimento empírico acumulado durante toda uma vida. Este conhecimento tem sido passado de pai para filho, de vizinho para vizinho, de construtor para construtor durante tempos e, claro, sofrendo mudanças e acréscimos conforme o desenvolvimento da técnica ou junção de novas tecnologias, acesso à informação, ou até mesmo, aglutinação ou combinação de conhecimentos.

Este acúmulo e disseminar de técnicas e tecnologia revela um grande aprendizado sobre o meio onde está inserida a construção. Notamos, por exemplo, claras diferenças e boas semelhanças nas construções populares espalhadas pelo mundo, vide trabalhos como os de Paul Oliver e Gunter Weimer (no Brasil), além de Lloyd Kahn, para citar alguns. Este aprendizado não-acadêmico, mas muito eficiente tem perpetrado e até mesmo inovado tal conhecimento construtivo.

Não importando onde se insira a construção o aprendizado sobre o ambiente e a técnica mais apropriada tem sido de grande relevância para a durabilidade e eficiência da obra. Estes conceitos (durabilidade e eficiência) tendem a sofrer variações conforme a cultura, geografia e desenvolvimento social da comunidade que o pratica. Por exemplo em Shelter, Lloyd Kahn nos apresenta muitas formas de construção. Mas algumas diferenças quanto a estes conceitos podem ser facilmente notadas quando comparamos o material empregado, a situação geográfica (intempéries) e até a perenidade da comunidade ou do usuário no ambiente. O que se percebe é que esta variação produz mais riquezas do que perdas construtivas. Aprende-se que o meio ambiente é fator preponderante

para a construção e que este determina seu uso e manutenção. Assim iglus, no ártico, têm uma durabilidade muito maior do que algumas, aparentemente sólidas, construções na África que usam barro e madeira. O uso e manutenção da casa ou abrigo se dá pela sua importância social e pelo que o meio permite ou incentiva, ou seja, fatores como caça, alimentação, proximidade de recursos naturais, situação climática, estabilidade geológica, comunidade, cultura social, economia local, proximidade de “desenvolvimento”, dentre outros, serão preponderantes para a decisão do construtor de morar na casa ou de fazer uso de abrigo por dias ou meses, ou até mesmo de derrubar a construção para reerguê-la toda vez que for preciso. Pode-se perceber que estas decisões, bem como seu peso e influência na organização social da comunidade, determinarão em parte sua cultura e definirão seu padrão construtivo e acúmulo de conhecimento.

De modo que quanto mais se aprende (e, conseqüentemente, se acumula conhecimento empírico e prático e se preserva este conhecimento num seio cultural, nem que seja familiar ou tribal) sobre o meio ambiente e de como tirar proveito deste, tanto mais se tornam eficientes as construções. Observa-se que os materiais se tornam mais práticos e eficientes no seu emprego e uso. A mescla de técnicas e materiais também começa a favorecer a construção com respeito a segurança, durabilidade e otimização de trabalho e mão-de-obra. Assim a madeira, por exemplo, é usada com grande versatilidade conforme se encontra no meio e conforme se aprende sobre seu uso (corte, entalhe, resistência, flexibilidade, espessura, quantidade, etc.) e conforme se desenvolve o apuro estético e técnico do construtor ou cultura. Mas vê-se que o

aprendizado constante e a “pesquisa” no entorno tem formado um “catálogo” mental muito bom no subconsciente coletivo.

Na arquitetura vernacular praieira o aprender do meio se dá por ter domínio sobre materiais disponíveis (afinal a proximidade com a fonte dos materiais é muito importante, bem como a facilidade de obtenção, tratamento e manutenção deste) e técnicas que se adaptem a cada sítio construtivo. Quanto mais próximos das matas (Amazonas e Pará) tanto mais madeira se usa. Quanto mais distantes, mais materiais comuns ao lugar. No Maranhão encontramos muitas construções em tábuas de madeira, devido a facilidade com que se encontram. Também muita madeira roliça de mangue, algumas toras com 7 ou 8 m de comprimento. Estes materiais são encontrados em fartura na vizinhança e por isso são usados com muita fre-



Barcos de pesca ancorados. Praia de Camocim, Ceará.

qüência. Quando começamos a descer percebemos outras alternativas construtivas como a taipa no Ceará, o largo uso do coqueiro (tronco e palha) no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, a madeira de pinho na Bahia. Esta diversidade de material demanda outras técnicas e aplicações, bem como afeta muito a durabilidade da construção. Vale dizer que quase todas as técnicas e materiais são encontrados, com maior ou menor, predominância em todo o litoral. As casas podem estar rentes ao chão e podem estar sobre palafitas, ter divisões internas ou não, proteção contra chuva ou sol, contra ventania, tudo dependerá de onde ela esta inserida e de como o meio sustentará o seu ocupante e sua família. Desde amarrações até junções entra madeiras a maneira de fazer o trabalho revela tal domínio do material, do ambiente.



Daí vemos a importância de se conviver corretamente com o meio.





O apreender e aprender sobre o meio tem feito a grande diferença entre as mais variadas culturas construtivas, apesar de haver uma grande universalidade nestas construções (apontando para um "ponto zero construtivo"). De modo que, o uso de certas técnicas construtivas e materiais está intrinsecamente ligado ao meio onde a construção está inserida. Será este meio que determinará, em alguns casos, se a construção será perene ou temporária, será abrigo ou moradia, terá um nível de acabamento mais apurado ou não, explorará certo material ao seu extremo ou não. Será o meio que determinará o tamanho e as possibilidades construtivas, influenciará o morador, conservará a construção, determinará sua localização em relação ao ambiente e recursos deste. Assim, neste contexto, a natureza dita as regras de existência e convívio, seja este simbiótico ou não, o que é extraordinário!

O que se pretende com o termo "Arquitetura Vernacular Praieira" é justamente classificar aquelas construções que se caracterizam pelo meio praieiro, aquelas construções que são fruto do uso do ambiente praieiro e dos materiais que lhes estão disponíveis nestes ambientes e suas variantes. Ao imaginarmos "praia" no nordeste somos remetidos à areia fina e barnca, coqueiros, mar... mas também a mangues,

restingas, falésias, buritis, babaçus, jangadas e barcos "to-tó-tó" (ou poc-poc, no Maranhão). Este conhecido ambiente praieiro é palco para este panorama que se abre nesta publicação.

Esta produção construtiva é fruto de uma rica cultura sócio-econômica baseada, principalmente, na pesca. Então não se pode fugir de todo um traço sócio-econômico que está arraigado no povo que alimenta esta "arquitetura vernacular".

Luís da Câmara Cascudo define bem em seu livro "Jangada – uma pesquisa etnográfica" o pescador, ou jangadeiro, como:

"Ofício herdado. Mulher rendeira. Pesca de voador. Preparo. Praia festiva. Pesca da albacora. Toninha e Bicuda. Faro. Procissão dos afogados. Sereia no Paricé. Alimentação. Fumo. Nome de jangada. Dias de preceito. Superstição menor e solidarismo. Caiçaras. Sociologia jangadeira. Domínio do silêncio. Vocabulário reduzido. Fidelidade profissional. Jangada rebocando transatlântico. Caminho a assento. Pedras marcadas. Velhos mestres de jangada. Os escravos jangadeiros. Nadadores. Mergulhadores. Suicídio. Faro e visão dos peixes. O canal de São Roque. Pescaria de agulhas. O "serrador" e as urcas. O parraxo. A pesca histórica no Rio

Grande do Norte. Jangadas e naufragos. A ilha das Rocas. Música no mar. Jangadeiro e fugitivo de Fernando de Noronha. Navio fantasma. O arraís. Pescador e pauperismo. Casamento, casa e vida doméstica. Jangadeiros e abolição. Divertimentos; o Babelô. Os “raids” famosos, Maceió-Rio de Janeiro, Fortaleza-Porto Alegre. Corrida de jangada. É doce morrer no mar?”

Esta definição-resumo do livro citado demonstra bem que esta, como toda outra, é uma cultura complexa com suas bases ancestrais em outros continentes e outra época, que atravessou a história deste país, que tem valores, crenças e superstições, que tem datas, costumes e vidas a se levar em consideração e respeito. Mas uma cultura diversa e influente, uma cultura que se manifesta de muitas formas, inclusive construtiva, e me nuances que são poéticas e belas. Que inspira e emudece, que emociona e impressiona. Portanto ao observar uma casa de pescador, ou caiçara (como coletivamente ficou conhecida), toda esta carga cultural, social e emotiva está ali representada. Isto enfatiza muito bem que a aparente simplicidade e rusticidade destas construções têm um porque, mesmo que, aos nossos urbanos olhos simples (jamais simplórios!) ou que seja “por que é melhor assim”.







PLANTA

A planta da casa do pescador é muito simples, refletindo seu modo de vida e interpretação e uso do meio. Sua maneira de usar a casa direciona bastante sua definição de planta.

A planta geralmente é retangular e dividida ao meio pela cumeeira do telhado. Esta linha divide a casa em dois aspectos: social ou coletivo e íntimo. A linha de cumeeira estabelece a estrutura da casa, ou seja, ela determina por onde a casa será sustentada e onde se colocará, normalmente as paredes (divisões) da residência. Comumente esta divisão estabelece o uso do espaço: sala na frente ligada ao corredor que dá acesso, primeiramente ao(s) quarto(s) e, por fim à cozinha e banheiro, quando estes estão conectados à casa, pois é muito comum o a cozinha ser um alpendre nos fundos da casa (citar Gunter Weimer!!!) e o banheiro ser uma dependência externa ao ambiente de moradia.

Em alguns sítios visitados a explicação dada para o fato de a cozinha estar separada da casa é que ela “empesteia” a casa. De fato a cozinha, num ambiente um tanto insalubre e selvagem, se torna um lugar que dá guarida e atrai insetos e pequenos animais, assim a decisão de exteriorizar o ambiente, deixando-o aberto muitas vezes, se dá por questões sanitárias. Além disso o uso da madeira como combustível para o



fogo produz muita fumaça e fuligem, tornando inviável o convívio com o trabalho doméstico realizado na cozinha. Some-se a estes fatos o tratamento do produto pescado, seja peixe ou mariscos, que produz muito cheiro.

Na ilha São Pedro (MA – estabelecer localização), por exemplo, a cozinha está integrada à planta da casa, sendo sua pia um apêndice

na fachada onde a água utilizada é descartada no próprio terreno contíguo à casa, e o banheiro está fora do ambiente de morar. Ele é uma “construção” à parte, sendo feito com os materiais comuns ao ambiente, desde palha até madeira. Não há fossa séptica. Os dejetos são absorvidos pelo solo.

Já em outras regiões (citar!!!) os banheiros forma assimilados pela casa e fazem parte de sua planta universal. Esta conformação tende a se apropriar do desenho dos vizinhos turistas. Este relacionamento se dá de uma maneira muito curiosa: geralmente nos períodos de “entre-safra” pesqueira os trabalhadores arrumam empregos temporários nas casa e fazendas ou sítios de estranhos ao ambiente pesqueiro (Ilha do Boi – MA, por exemplo, onde durante quase metade do ano os pescadores trabalham em agropecuária e pequenas plantações) e, de certa forma começam a se apropriar do desenho mais tradicional de casas, como conhecemos tão próximos às cidades. Esta influência torna as casas e suas plantas mais parecidas com a conformação clássica de casa “informal”: sala, quartos, cozinha e banheiro, nesta seqüência. Algumas destas casas chegam a ter terraços, assobradados, circundado todo o perímetro social da casa. Claramente parecem as casas de fazenda, tão comuns em culturas econômicas baseadas em plantações e pecuária. Há uma adaptação curiosa, na Ilha do Boi, pelo menos: os terraços são cercados. Quando questionados sobre o apelo estético destes terraços com muretas ou balaustres em madeira ou trançado de cipó a resposta é: Para não deixar que os animais entrem, ou cheguem muito perto da casa.

No entanto a universalidade de planta é notó-



ria (citar Paul Oliver e Dora Crouch!!!) e percebe-se claramente um traço comum a estas plantas “arquitetônicas”: a pesca e seu “modos operandi” influenciam diretamente o uso do ambiente construído. Vê-se esta influência no que chamamos carinhosamente durante as pesquisas de casa masculinas e casa femininas. Há no litoral nordestino uma divisão muito clara da casa ou abrigo, ou unidade de trabalho: quem usa a construção e por que. Há casas que classificamos de masculinas. Casas que são usadas temporariamente, por dias ou até meses, mas nunca definitivamente, para o trabalho. Nestas os homens passam este período de trabalho longe da família, ou voltando nos finais de semana para conviver com a família e retornando, prosaicamente, ao trabalho no início da semana. Estas casas ou unidades de trabalho se diferenciam em sua planta da casa feminina (casa em que há mulher residindo, geralmente usadas como moradia). São geralmente de vão único e têm parco mobiliário (precisamente, um caixão onde são guardados todos os utensílios, de casa e trabalho, pessoais e coletivos). Neste vão se trabalha e convive, se come e dorme (em redes). Se guarda o barco (como acontece na Paraíba (localizar e citar)) e todo o material de trabalho.

Já nas casas “femininas” a planta é um pouco

mais complexa e próxima de conveniências comuns às construções informais que conhecemos bem. Estas particularidades são facilmente explicadas e compreendidas na presença da mulher no ambiente. Esta presença determina maior perenidade dos ocupantes, criação de filhos e alimentação e necessidades sanitárias que precisam ser atendidas.

(lembrar de escrever como o clima e a geografia influenciam o desenho de planta!)

É notório, por exemplo, o asseio externo que se percebe nas casas “femininas” devido ao fato de haver maior necessidade de controle ambiental por causa da permanência prolongada da família.

A planta sofre modificações como quartos (subdivisões) mais bem definidas, apelo estético e maior definição espacial em termos de

uso. Além disso a casa é mais generosa em termos de mobiliário (fato que será abordado mais adiante). A casa “feminina” tem mais cara de casa.

O clima também influencia de maneira surpreendente a planta da casa. No Ceará encontramos uma casa muito singela (exibir fotos e planta!!!) que desrespeitava um pouco aquela situação de que da sala se vê os fundos da casa pelo corredor/circulação que dá acesso ao(s) quarto(s). Esta casa tinha um desenho de planta “desencontrada” a ponto de haver sempre uma parede perpendicular à parede lateral criando uma espécie de labirinto. O por que? Para que o vento não cruze casa e traga areia (fina e constantemente levada pelo vento) para os ambientes mais internos. Do mesmo modo as casas na vila de (citar) têm muito poucas aberturas. No máximo a porta e uma pequena janela para que o vento não traga areia. Estas



poucas aberturas são voltadas para o sol potente (para o máximo aproveitamento de luz através das pequenas aberturas).

No Maranhão (citar localidade de “Seu Mesias”) as aberturas são das mesmas proporções cearenses. Sendo algumas unidades residenciais sem janelas, apenas a abertura da porta. Nesta localidade as casas respeitam esta situação de fachada e suas plantas são muito interessantes. A casa se resolve em um retângulo com poucas e pequenas aberturas. A cozinha é integrada ao resto da casa com fornos de barro (ou lama). Fazer a comida cozida é uma constante e o acréscimo desta comodidade ao ambiente modifica sua planta: a cozinha sempre tem o “cantinho” do fogão determinado pelo acesso ao exterior e facilidade de exaustão. Esta cozinha é quase sempre aberta ao exterior, formando uma espécie de copa, ou terraço, como

local para alimentação coletiva, que dá para o exterior da casa.

Terraços estão acoplados à casa de maneiras muito peculiares. As plantas geralmente definem o terraço, que acaba por ser um apêndice da cobertura que não foi fechado por paredes. Estes terraços podem estar na extensão da cumeeira ou da água lateral, ou frontal dependendo do telhado, e são demarcados pelos pilares que sustentam a cobertura. Estes terraços são usados como local de convívio, alimentação, trabalho e descanso, já que muitos têm redes penduradas. O terraço também ocorre na parte de trás da casa. Este é mais específico em uso, pois devido a sua posição é usado para alimentação e convívio.

(fazer comparação com as definições de planta de Weimer!)



